
A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DO JORNALISTA MAXIMIANO POMBO CIRNE NO *DIÁRIO POPULAR* A PARTIR DA NARRATIVA DE SEU FILHO

A PROFESSIONAL JOURNALIST MAXIMIANO CIRNE THROUGH THE NARRATIVE OF HIS SON ON *DIÁRIO POPULAR*

Biane Peverada Jaques
Graduanda em História - UFPel
jaquesbiane@gmail.com

RESUMO: No contexto proporcionado pelo Estado Novo no Brasil foram adotadas pelo governo Vargas diversas medidas trabalhistas. Pode-se destacar entre elas a implantação da Carteira Profissional, a qual era de responsabilidade das Delegacias Regionais do Trabalho. Através do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, salvaguardado pelo Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas, o qual comporta todas as requisições do documento no estado foi possível localizar a solicitação da Carteira de Trabalho do Jornalista Maximiano Pombo Cirne no ano de 1939. Dessa forma observaram-se diversos aspectos do requerente, como por exemplo, sua profissão, a qual declarou como jornalista do estabelecimento *Diário Popular*. O qual pode ser considerado um dos jornais mais antigos ainda em circulação da região sul do estado. No entanto foi constatado que o Senhor Maximiano atuou de forma mais complexa e diversificada no mesmo. Assim sendo, através da narrativa do filho de Maximiano, a partir da utilização da metodologia de História Oral Temática objetivou-se neste trabalho traçar a trajetória profissional deste no *Diário Popular*. Bem como sua presença na reabertura do jornal depois de seu fechamento em 1937.

PALAVRAS-CHAVE: História Social do Trabalho. *Diário Popular*. História Oral.

ABSTRACT: In the context brought by the New State in Brazil, many working measures were adopted by the Vargas government. The implementation of the *Carteira Profissional*, which was *Delegacias Regionais de Trabalho* responsibilities, is one of such measures. Through the archives of *Delegacias Regionais de Trabalho* from Rio Grande do Sul, safeguarded by the Núcleo de Documentação Histórica of the Universidade Federal de Pelotas, in which keeps all of the documents request in the state, it became possible to find the journalist Maximiano Pombo Cirne *Carteira de Trabalho* request, in the year 1939. By this method it was observed many aspects of the applicant, for example, his profession, in which he declared as a journalist in the *Diário Popular*, considered as one of the oldest newspaper still in circulation in the southern region of the state. However, still in such newspaper, Mr. Maximiano was found acting in a much diversified and complex way. Therefore, through the narratives of Maximiano's son and the use of the thematic oral history methodology, this paper aims to bring Maximiano's professional career in the *Diário Popular* to light, as well as his presence in the reopening of the journal after its closing in 1937.

KEYWORDS: Social Work History. *Diário Popular*. Oral History.

Um jovem, chamado Maximiano Pombo Cirne, viajava de Portugal, sua terra natal, para o Brasil por volta de 1922. Trazia consigo os sonhos do pai, “tentar ficar rico”, que viera para a cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul pouco antes. Trabalhava na venda da família, até que a ambição de estudar o indispôs com o pai, acabou então retornando a Portugal, onde inicia na Universidade de Lisboa o curso de Direito. Mesmo no outro lado do Atlântico uma paixão se fazia presente, o jornal *Diário Popular*, o qual era enviado em determinadas ocasiões por seu pai.

O objetivo deste trabalho consiste em compreender, mesmo que de forma incipiente por tratar-se de um trabalho ainda de caráter inicial, através da narrativa do filho do Jornalista Maximiano Pombo Cirne a sua trajetória profissional no jornal *Diário Popular*¹. Assim como suas contribuições para o jornalismo em Pelotas, observando o contexto do período, o Estado Novo. Desta forma, seu filho também chamado Maximiano contribuiu para a pesquisa ao passo em que possibilitou, através de suas memórias, reconfigurar, mesmo que parcialmente, a trajetória inclusive profissional do pai.

[...] porque pelo que me lembro, ele começou como revisor voluntário depois foi convidado a trabalhar no Diário Popular como revisor ganhando vinte reais por semana. Um ano depois ele passou para revisor contratado efetivo ganhando parece que era quatrocentos reais. Daí ele se entusiasmou e casou com a minha mãe, quatrocentos reais deveria ser muito dinheiro creio eu, ele casou. E nesse ínterim que não me recorde bem como é que é, mas é mais ou menos assim: Getúlio Vargas fechou diversos jornais no Brasil porque eram contrários ao partido dele. O Diário Popular era Órgão do Partido Republicano e o Getúlio Vargas fechou todos os jornais que diziam Órgão do Partido Republicano. [...]

Getúlio Vargas, a partir de 1930 e posteriormente com o advento do Estado Novo em 1937, reconfigurou o projeto político do Estado. Por meio da criação do órgão institucional denominado de Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), foi possível que este projeto se tornasse socialmente dominante. Através das sessões do DIP é possível observar o alto grau de intervenção do Estado Novo inclusive nas comunicações sociais (GOMES, 2005).

¹ Sobre o Diário Popular ver: CAETANO, Rosendo da Rosa. *O nazi-fascismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas, 1923-1939*. Pelotas: UFPel, 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2014, 248p.

A Revolução de 1930 marcou o início da intervenção direta do Estado nas questões vinculadas ao mundo do trabalho. Marcou também o fim da autonomia do movimento sindical e o início da vinculação sistemática dos sindicatos ao governo através do Ministério do Trabalho, aliás, criado, ainda em novembro de 1930, com essa preocupação (D'ARAUJO, p.223).

No entanto, a ação intervencionista do governo estende-se inclusive a outros aspectos. Neste contexto surgiam no Brasil a denominada legislação social, a qual objetivava inserir o trabalhador, em tese, no cenário político. Assim, com o decreto inicial de nº 21.175 de 21 de março de 1932, posteriormente regulamentado pelo decreto nº 22.035 de 29 de outubro de 1932 é criada a Carteira Profissional, a qual era inicialmente opcional ao trabalhador.

Em 1939 Maximiano Pombo Cirne se dirige acompanhado de alguns colegas a Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT-RS) em Pelotas com o objetivo de solicitar sua Carteira Profissional. Declarando-se, na ficha de qualificação da DTR-RS, como Jornalista na Gráfica Diário Popular LTDA.

Seu Maximiano desempenhava a função de diretor do jornal, suas características, declaradas na ficha de qualificação profissional e consultadas no banco de dados digital do acervo da Delegacia Regional do Trabalho - RS eram: 1,64 de altura; cor branca; cabelos pretos; possuía bigodes; olhos castanhos; natural de Portugal; casado; entre outras particularidades, as quais podem ser observadas abaixo.

Editar Ficha Marque esta caixa para editar a ficha Digitado originalmente por: emmano

Declaração Nº: 900 Série nº: 31 Livro nº: 15 2ª Via

INFORMAÇÕES SOBRE TRABALHADOR

Nome: Maximiano Pombo Cirne

Sexo: Masculino Feminino L Altura: 1,64 m Cor: Branco Cabelo: Preto Barba Bigodes Olhos: Castanhos

Sinax Particulares:

paterna: Manuel Luís de Souza Cirne

Filiação materna: Maria José Pombo e Cunha

Data de nascimento: 22/03/1910 Cidade: Coimbra de Avero Estado: País: Portugal

Grau de Instrução: Superior Número de filhos: Estado Civil: Casado

Residência: Benjamin Constant, 320

INFORMAÇÕES SOBRE A PROFISSÃO

Profissão: jornalista Matrícula Nº: do Sindicato:

Nome do estabelecimento: Grafica Diário Popular Ltda. Espécie do estabelecimento: jornal diário

Endereço: Quinze de Novembro, 720/22 Cidade: Pelotas Estado: RS

BENEFICIÁRIOS

Número de Beneficiários: 1 Filhos Cônjuge Pais Outros:

INFORMAÇÕES ESPECIAIS PARA ESTRANGEIROS

Chegado ao Brasil em: 22/01/1922 Ano de naturalização: Nacionalidade do cônjuge: Brasileira

Carteira solicitada na cidade de: Pelotas 01/01/1939

Figura 1 Ficha de qualificação Profissional em formato Digital.
Fonte: Banco de Dados Digital do acervo da DRT-RS/NDH-UFPel

Atualmente grande parte do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul entre os anos de 1933 a 1968 encontra-se sob a salvaguarda do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas. Este é composto principalmente por fichas de qualificação profissional as quais serviam para a confecção da Carteira Profissional, o acervo compreende aproximadamente 630.000 destas.

Como se trata de um número elevado de fichas a pesquisa no acervo é facilitada por um banco de dados que comporta todas as informações que constam nas fichas de qualificação profissional entre os anos de 1933 a 1943. Estas informações proporcionam delinear o perfil do trabalhador Sul-Rio-Grandense nos primeiros dez anos de implantação da Carteira Profissional, uma vez que através do sistema de busca do programa é possível encontrar qualquer informação que conste no banco de dados.

A atual pesquisa desenvolvida a partir deste programa foi iniciada em 2011 com o objetivo de recuperar todas as solicitações de Carteira de Trabalho de indivíduos que desenvolviam qualquer atividade profissional em Indústrias Gráficas. Estes compreendem 1.095 empregados entre os anos de 1933 a 1943. Uma vez que o levantamento de dados foi concluso restava delimitar a temática.

Através do universo proporcionado pelas Indústrias Gráficas foi possível visualizar o cenário ocupado na Delegacia Regional do Trabalho/RS pela Imprensa Pelotense. E, dentro deste, foi decidido trabalhar mais especificamente com os solicitantes do documento profissional que trabalhavam no jornal *Diário Popular* da cidade de Pelotas. Estes compreendem 15 empregados, os quais solicitaram a Carteira de Trabalho entre 1939 a 1942 na DRT-RS, o Senhor Maximiano entre eles.

A “Revolução” de 1930 e seu complemento em 1937, com o advento do Estado Novo foram etapas de um mesmo processo. O objetivo deste consistia na construção da nacionalidade, retirando a sociedade brasileira do conflito pré-político e a inserindo na ordem política.

O período anterior a 1930 não possuía a existência de um contato entre o povo e a elite, em 1937 esta comunicação começou a ser articulada de forma mais ativa. Este processo possuía caráter restaurador, no sentido de recomeço, através da fundação de um Estado Novo.

O projeto político do Estado Novo possuía algumas peculiaridades, por exemplo, o reconhecimento do capital, propriedade privada, da livre iniciativa empresarial (GOMES,

2005) e a criação do já mencionado Órgão Institucional do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Somente em 1937 com a real substituição do antigo regime liberal, a “revolução” adentrou sua segunda fase, etapa a qual visava à constituição de uma nova ordem política. Foram banidos desta todos os ideais reformadores do liberalismo. A missão do governo no pós 37 visava a criação de um direito trabalhista que reconhecesse o operário.

Através deste projeto de salvamento da democracia o Brasil se integrava convertendo a figura do presidente em uma autoridade do Estado que fosse suprema. Isto impossibilitava a manutenção dos partidos políticos, os órgãos de manifestações das lutas sociais (GOMES, 2005).

Os atributos do homem que ocupasse a função presidencial personalizavam a autoridade máxima. Ele deveria ser um indivíduo notável, capaz de identificar a alma popular, sendo um símbolo. O entrevistado então contribui explicando o tipo de interferência do governo de Getúlio Vargas e o que levou ao fechamento do jornal *Diário Popular*, o qual Seu Maximiano trabalhava.

[...] o Diário Popular tinha sido fechado pelo governo federal que era do Getúlio Vargas, por ser um Órgão do Partido Republicano. Parece que pelo que eu entendi dizia no jornal Diário Popular Órgão do Partido Republicano. Com o período de recessão, período ditatorial do Getúlio ele fechou os partidos, fechando os partidos o jornal não poderia trabalhar porque era do partido. Os jornais foram fechados; teve dois em Porto Alegre um em Pelotas, que era o Diário Popular. Então essa seria a grande interferência, conotação, ligação do Getúlio Vargas com o Diário Popular. Depois na compra [do jornal] o partido sai fora, pode trabalhar normal não tem problema nenhum, não era um do órgão do partido [...].

Os sindicatos neste período passaram de instituições de direito privado para serem transformados em órgãos públicos de cooperação sob a tutela do Estado. Este, através dos sindicatos, realizava e justificava o seu projeto, inclusive permitindo a inserção do povo no cenário político, mas sob o controle do Estado. A autoridade de um líder de caráter paternal que se voltava para o povo trabalhador justificava a possível rigidez e frieza de uma ordem social hierárquica.

Com o auxílio do Departamento de Imprensa e Propaganda o Estado articulou uma campanha vitoriosa de propaganda política no país. O personagem principal era estruturado na figura de Vargas. Seu Maximiano Filho explica o que seu pai comentava acerca do governo Vargas,

[...] Eu sei que ele falava muito que o Getúlio Vargas teria introduzido as leis trabalhistas que era uma coisa que não existia no Brasil que era muito boa apesar que a princípio para ele ter sido prejudicial porque ele como estrangeiro não podia trabalhar [...]. Tem certas coisas que o pai não falava muito, mas eu me lembro de ele dizer que o Getúlio Vargas tinha sido um mal necessário [...]. Mas ele nunca se envolveu muito com política, ele foi vereador do partido PDS acho que era uma coisa assim, foi só aqueles quatro anos, depois não quis mais, acho que não gostou, também nunca nos comentou nada [...].

Ultimamente é inegável a consolidação e disseminação da História Oral tanto no Brasil como no mundo. Seu reconhecimento só foi possível, pelo menos da História, devido a grandes mudanças na própria disciplina, que antes deixavam pouco espaço para a percepção do papel do indivíduo na história. Essas mudanças possibilitaram que a concepção de fonte ampliasse consideravelmente (ALBERTI, 2005).

A fonte oral, a qual corresponde a qualquer registro oral de manifestação humana (MEIHY & HOLANDA, 2011), utilizada nesta pesquisa corresponde a denominada História Oral. Esta metodologia consiste em, através de entrevistas gravadas em suporte digital, salvaguardar os depoimentos de narradores.

Atualmente esta abordagem tem obtido maior reconhecimento no meio acadêmico, principalmente com pesquisas de autores renomados como, Alessandro Portelli (1996), Verena Alberti (2004), Janaina Amado e Marieta Ferreira (2006) entre outros.

A História Oral possui três gêneros distintos, são eles, História Oral de Vida, Tradição Oral e aquele utilizado neste trabalho, História Oral Temática. Esta modalidade dispõe uma discussão ao redor de um tema específico, no caso a Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne através das memórias de seu filho Maximiano Pinheiro Cirne.

A escolha do colaborador na entrevista de História Oral Temática deve condizer com as expectativas do projeto. Aquele deve possuir conhecimento sobre o assunto que será abordado (MEIHY & HOLANDA, 2001). Maximiano Pinheiro Cirne, filho do Jornalista

Maximiano Pombo Cirne, e narrador da entrevista abordada nest artigo, contribuiu com suas memórias para construir um retrato da vida profissional de seu pai.

Os princípios da ética existem em todos os tipos de ações e relações humanas, desta forma em uma abordagem que lida diretamente com pessoas vivas esta questão é igualmente fundamental. Portanto as diretrizes éticas da História Oral, bem como os acordos firmados no momento do contato com o narrador são primordiais. Portelli acrescenta que:

Ter boas maneiras não significa apenas falar em um tom de voz agradável, dizer ‘muito obrigado’, sentar onde nos mandam sentar, tomar o café ou o vinho que nos oferecem. Significa que, em vez de irmos à casa de alguém e tomarmos seu tempo lhe fazendo perguntas, vamos à casa dessa pessoa e iniciamos uma conversa. A arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir (PORTELLI, 1997, pp. 21-22).

Uma vez que o objeto da História Oral são pessoas, as quais se dispõem a narrar suas vidas, histórias, expectativas e acontecimentos, não devem existir separações de cunho hierárquico e preconceituoso entre entrevistado e entrevistador (PORTELLI, 1996). Este e aquele devem encarar o momento da entrevista como sendo um campo de compartilhamento de saberes. Em que um depende do outro, na realidade normalmente o entrevistador mais do que o entrevistado, para o sucesso da comunicação e do destino que será atribuído a ela.

Para Portelli,

[A memória] Ainda que esteja moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados (PORTELLI, 1997, pp. 16).

A memória pode ser considerada um fenômeno construído, essa construção pode ser de forma consciente ou inconsciente através do meio social o qual o indivíduo faz parte. E é por meio desta construção da memória que surge o sentimento de identidade (POLLAK,

1992). Esta age de forma ativa na memória do mesmo modo que a memória influi na construção da identidade (CANDAU, 2011).

Desta forma, ambas interagem entre si de forma homogênea, constituindo o presente a partir do passado e vice-versa. Percebe-se através da narrativa do entrevistado o quanto o nome Maximiano é importante para a família, e desta forma pode-se deduzir que a identidade dos indivíduos que compõe esta família esta relacionada a este nome.

[...] Porque na minha família nós somos nove Maximianos, meu filho deve ser o nono não, são dez, meu filho é o nono e tem outro em Portugal que deve ser o décimo. Então meu filho é Maximiano eu sou Maximiano meu pai é Maximiano e tinha um tio Maximiano irmão do meu avô [...].

Desta forma, ainda que a memória seja moldada pelo meio social em que o indivíduo atua isto não retira seu caráter pessoal. Portelli considera a memória como um processo e como tal esta somente se concretiza quando é verbalizada, em uma entrevista de História Oral, por exemplo. A arte de lembrar e contar são atos interpretativos, e desta forma, pessoais (PORTELLI, 1996).

Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem conferindo-lhe sentido. É aí que se encontra uma diferença radical entre memória humana e aquela dos computadores (CANDAU, 2001, pp. 61-62).

Pode-se concluir, portanto, que uma das contribuições fundamentais da metodologia de História Oral consiste na capacidade desta em demonstrar momentos, sentimentos que jamais seriam captados desta maneira através de outros tipos de fontes. Assim, a História Oral serve, inclusive, para dar voz aos sentimentos que de outra forma não seriam percebidos,

[...] Uma coisa que eu poderia dizer que eu acho que é relevante para o teu trabalho é que ele tinha adorações pelo Diário Popular. O Diário Popular para ele parecia ser um filho dele, ele gostava de Diário Popular ele vibrava com o Diário Popular, ele vibrou com 100 anos do Diário Popular, chegar aos 100 anos [...].

A subjetividade e a memória são agentes ativos na história oral uma vez que sua fonte são indivíduos vivos e reais que interagem com o mundo. Entre os indivíduos que compõe uma entrevista de história oral se encontra a subjetividade, característica daquela. Seu Maximiano Filho conta em sua narrativa a importância de seu pai na reabertura do *Jornal Diário Popular*.

Se levarmos em consideração o que Portelli (1996) fala sobre a veracidade dos fatos, perceberemos que o relevante neste caso, não consiste em concluir se é verdade ou não que Seu Maximiano participou de forma ativa na reabertura do jornal, e sim que para seu filho ele merece o *mérito* nesta participação. Narrar significa interpretar, contar uma opinião ou ponto de vista, considerar esta como verdade ou mentira não é atributo do historiador oral (PORTELLI, 1996).

[...] Se nós olharmos o sentido de que não existia o jornal, porque tinha sido fechado, e o jornal foi reaberto e ele [Maximiano] foi um dos que provocou a reabertura do jornal eu acho que sim. Eu não sei se nós teríamos outro jornal, até poderíamos ter outro jornal, mas um jornal com cento e vinte e três anos de vida se nós tirarmos um que ele esteve fechado vinte e dois anos de vida circulando sem parar. Uma projeção dentro da parte sul do estado bastante grande, tanto é que a Zero Hora não comprou o Diário Popular comprou tudo o que tem em volta ai né em Caxias, mas por outro lado não conseguiu comprar, eu acho que ele fez alguma coisa bastante importante neste sentido, alguém tinha que ser o quinas tinha que ser o ativador propor [a reabertura do jornal] ele propôs eu acho que só por isso ai já vale o mérito [...].

A existência de outra(s) visão(ões) sobre determinado assunto de forma alguma anula a veracidade da anterior. Elas podem se complementar ou mesmo contradizer-se completamente, ainda assim ambas possuirão as suas verdades, e estas serão incontestáveis. O ato de interpretar constitui diversas versões dos fatos, pontos de vista diferentes e não será possível ter certeza da veracidade do evento, no entanto, Portelli afirma a riqueza desta subjetividade,

Por isso, por muito controlável ou conhecida que seja, a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas a de distinguir [sic] as regras e os procedimentos que nos permitem em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma

interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais (PORTELLI, 1996, pp. 3-4).

Através da narrativa do filho do Jornalista Maximiano Pombo Cirne foi possível observar, ainda que de forma esparsa, sua relação profissional com o *Diário Popular*. Bem como a opinião que transpunha acerca do governo de Getúlio Vargas. Também torna-se visível a relevância atribuída por seu filho no que consiste na sua participação na reabertura do jornal. A história oral, desta forma, permitiu que fossem observados aspectos subjetivos relativos ao Senhor Maximiano, um homem de seu tempo, com as questões do período, aspectos estes que jamais seriam reconhecidos noutras fontes.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FVG, 2004.

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassenezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-fascismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas, 1923-1939**. Pelotas: UFPel, 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2014, 248p.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

D'ARAUO, Maria Celina Soares. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional estatismo. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 215-239.

GOMES, Angela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2005, pp. 189 – 246

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p.3-15.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. A, n.2., 1996, p. 59-72.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História** nº 15. São Paulo, PUC, 1997, p. 13-50.

FONTES

BANCO DE DADOS DIGITAL da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. **Fichas de Qualificação Profissional**. 1933-1943. Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas – 2013.

CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JAQUES, Biane Peverada, 2013.